

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Os passageiros do correio

Fazia um frio terrível, o céu brilhava com as estrelas e nem uma brisa soprava. “Bump” — uma velha panela foi jogada na porta de um vizinho; e “bang, bang”, foram os fogos de artifício; pois eles estavam saudando o Ano Novo. Era véspera de Ano Novo e o relógio da igreja batia meia-noite. “Tan-ta-ra-ra, tan-ta-ra-ra”, soou a buzina, e a carruagem do correio aproximou-se pesadamente. O veículo desajeitado parou no portão da cidade; todos os lugares estavam ocupados, pois havia doze passageiros na carruagem.

“Viva! viva!” gritou o povo da cidade; pois em todas as casas o Ano Novo estava sendo bem-vindo; e quando o relógio bateu, eles se levantaram, com os copos cheios nas mãos, para brindar sucesso ao recém-chegado.

“Feliz Ano Novo”, foi o grito; “amigos maravilhosos, muito dinheiro e nenhuma tristeza ou preocupação.”



O desejo passou e os copos se chocaram até tocarem de novo; enquanto diante do portão da cidade a carruagem do correio parou com os doze estranhos passageiros. E quem eram esses estranhos? Cada um deles trazia consigo seu passaporte e sua bagagem; até trouxeram

presentes para mim, para você e para todas as pessoas da cidade. "Quem eram eles? O que eles queriam? E o que eles trouxeram com eles?"

"Bom dia", gritaram eles para a sentinela no portão da cidade.

"Bom dia", respondeu a sentinela; pois o relógio batera meia-noite. "Seu nome e profissão?" perguntou a sentinela para aquele que desceu primeiro da carruagem.

"Veja você mesmo no passaporte", ele respondeu. "Sou eu mesmo;" e parecia um sujeito famoso, vestido com pele de urso e botas de pele. "Eu sou o homem em quem muitas pessoas depositam suas esperanças. Venha até mim amanhã e eu lhe darei um presente de Ano Novo. Eu jogo xelins e pence entre as pessoas; Eu dou bolas, nada menos que trinta e uma; na verdade, esse é o número mais alto que posso dispensar para bolas. Meus navios



costumam ficar congelados, mas em meus escritórios é quente e confortável. Meu nome é JANEIRO. Sou um comerciante e geralmente trago minhas contas comigo.

Então o segundo pousou. Ele parecia um sujeito alegre. Ele era diretor de teatro, gerente de bailes de máscaras e líder de

todas as diversões que podemos imaginar. Sua bagagem consistia em um grande tonel.

"Vamos dançar até a boca do barril na hora do carnaval", disse ele; "Vou preparar uma música alegre

para você e para mim também. Infelizmente, não tenho muito tempo de vida - na verdade, o menor tempo de toda a minha família - apenas vinte e oito dias. Às vezes, eles me colocam em um dia extra; mas eu me preocupo muito pouco com isso. Viva!

"Você não deve gritar assim", disse a sentinela.

"Certamente posso gritar", retorquiu o homem; "Eu sou o Príncipe Carnaval, viajando sob o nome de FEVEREIRO."

O terceiro agora saiu. Ele parecia a personificação do jejum; mas ele carregava o nariz muito empinado, pois era parente das "quarenta noites" e era um profeta do tempo. Mas esse não é um cargo muito lucrativo e, portanto, ele elogiou o jejum. Na lapela trazia um pequeno buquê de violetas, mas eram muito pequenas.

"MARÇO, Março," o quarto gritou atrás dele, batendo em seu ombro, "Você não está sentindo o cheiro de alguma coisa? Apresse-se na sala da guarda; eles estão bebendo ponche lá; essa é a sua bebida favorita. Já estou sentindo o cheiro daqui. Avante, Mestre Março." Mas não era verdade; o orador só queria lembrá-lo de seu nome e fazer dele um tolo de ABRIL; pois com essa diversão o quarto geralmente começava sua carreira. Ele parecia muito jovial, trabalhava pouco e tinha mais férias. "Se o mundo fosse um pouco mais sossegado...", disse ele: "mas às vezes sou obrigado a estar de bom humor, e às vezes de mau humor, de acordo com as circunstâncias; agora chuva, agora sol. Posso rir ou chorar, conforme as circunstâncias. Tenho meu guarda-roupa de verão nesta caixa aqui, mas seria uma grande tolice vesti-lo agora. Aqui estou."

Depois dele, uma senhora desceu da carruagem. Ela se autodenominava Senhora Maio. Ela usava um vestido de verão e galochas; seu vestido era verde claro e ela usava anêmonas no cabelo. Ela estava tão perfumada com tomilho selvagem, que fez a sentinela espirrar. "Sua saúde e que Deus o abençoe", foi sua saudação a ele.

Como ela era bonita! E como cantava! Não como cantora de teatro, nem cantora de baladas; não, mas uma cantora da floresta; pois ela vagou pela alegre floresta verde e deu um concerto lá para sua própria diversão.

"Agora vem a jovem", disseram os que estavam na carruagem; e saiu uma jovem dama, delicada, orgulhosa e bonita. Era a Senhora Junho, em cujo serviço as pessoas se tornam preguiçosas e gostam de



dormir por horas. Ela dá um banquete no dia mais longo do ano, para que haja tempo para seus convidados compartilharem os numerosos pratos em sua mesa. Na verdade, ela mantém sua própria carruagem; mas ainda assim ela viajou pelo correio, com o resto, porque queria mostrar que não era nobre. Mas ela não estava sem um protetor; seu irmão mais novo, Julho, estava com ela. Ele era um jovem gorducho, vestido com roupas de verão e usando um chapéu de palha. Ele tinha muito pouca bagagem com ele, porque era muito pesado no grande

calor; ele tinha, no entanto, calças de banho com ele, que não são nada para carregar. Depois veio a própria mãe, de crinolina, Madame Agosto, comerciante atacadista de frutas, proprietária de grande número de viveiros de peixes e agricultora. Ela era gorda e aquecida, mas sabia usar bem as mãos e levava ela mesma cerveja para os trabalhadores no campo. Depois do trabalho, vinham as recreações, dançando e brincando na mata verde, e as "casas da colheita". Ela era uma dona de casa meticulosa.

Depois dela saiu da carruagem um homem, que é pintor; ele é o grande mestre das cores e se chama Setembro. A floresta, quando ele chegava, tinha que mudar de cor quando ele queria; e como são lindas as cores que ele escolhe! As madeiras brilham com tons de vermelho, dourado e marrom. Este grande mestre pintor podia assobiar como um melro. Ele era rápido em seu trabalho e logo entrelaçou as gavinhas da planta de lúpulo em torno de sua jarra de cerveja. Este era um enfeite para o jarro, e ele tem um grande amor por enfeites. Lá estava ele com seu pote de tinta na mão, e essa era toda a sua bagagem. Seguiu-se um proprietário de terras que, no mês da sementeira, cuidava da lavoura e gostava de esportes de campo. Escudeiro Outubro trouxe seu cachorro e sua arma com ele, e tinha nozes em sua sacola de caça. "Crac, Crac." Ele tinha muita bagagem, até mesmo um arado inglês. Ele falou sobre a agricultura, mas o que ele disse mal podia ser ouvido por causa da tosse e da respiração ofegante de seu vizinho. Era Novembro, que tossiu violentamente ao sair.

Ele estava resfriado, o que o fazia usar o lenço de bolso continuamente. Ele disse que achava que o resfriado nunca o deixaria quando saísse para cortar lenha, pois era mestre serrador e tinha que fornecer madeira para toda a paróquia. Ele passava as noites preparando solas de madeira para patins, pois sabia, disse ele, que em algumas semanas esses sapatos seriam necessários para a diversão de patinar. Por fim, a última passageira



apareceu, a velha mãe Dezembro, com seu banquinho de fogo. A dama era muito velha, mas seus olhos brilhavam como duas estrelas. Ela carregava no braço um vaso de flores, no qual crescia um pequeno abeto. “Esta árvore eu guardarei e cuidarei”, disse ela, “para que cresça até a véspera de

Natal e alcance do chão ao teto, para ser coberta e adornada com velas acesas, maçãs douradas e pequenas figuras. O banco do fogo estará tão quente quanto um fogão, e então trarei um livro de histórias do meu bolso e lerei em voz alta até que todas as crianças na sala estejam bem quietas. Então as pequenas figuras na árvore se tornarão vivas, e o anjinho de cera no topo abrirá suas asas de folha de ouro e voará para baixo de seu poleiro verde. Ele vai beijar todos na sala, grandes e pequenos.”

“Bem, agora a carruagem pode ir embora”, disse a sentinela; “nós temos os doze inteiros. Que os cavalos sejam montados.”

“Primeiro, deixe todos os doze virem até mim”, disse o capitão de plantão, “um após o outro. Os passaportes vou guardar aqui. Cada um deles fica disponível por um mês; quando isso passar, escreverei o comportamento de cada um em seu passaporte. Senhor Janeiro, tenha a bondade de vir aqui.” E o Sr. Janeiro deu um passo à frente.

Quando passar um ano, acho que poderei contar o que os doze passageiros trouxeram para você, para mim e para todos nós. Agora eu não sei, e provavelmente nem eles mesmos sabem, pois vivemos em tempos estranhos.